

Centenário do *Cancioneiro guasca* e a obra de Lopes Neto como consolidadora da literatura gaúcha do séc. 20

Trabalho apresentado em mesa-redonda no Unilasalle, em evento promovido pelo curso de Letras, em comemoração ao dia da Língua Nacional, 5/11/2010, e no CC CEEE EV, Sala O Retrato, em 9/11/2010, durante a 56ª Feira do Livro de Porto Alegre

1) Localização teórica da obra de Lopes Neto

A produção literária de Lopes Neto tem sido justificadamente enquadrada, no âmbito da literatura nacional, na fase que os estudiosos brasileiros vêm denominando período literário pré-modernista. Justifica-se a classificação de período, e não de escola literária, porque falta à produção desse momento ideologia unificadora e porque, ao invés de estilos convergentes, os estilos se mostram divergentes. Isso não estabelece nenhum caráter de inferioridade ao período, com relação às escolas; ao contrário: no caso do RS, precisamente é nesse momento que se consolidou a literatura aqui produzida, com características que a marcaram, algumas das quais ainda se mostram vigentes. É nesse período que aparece a obra de Lopes Neto (especialmente conhecida na tríade *Cancioneiro guasca*, *Contos gauchescos*, *Lendas do Sul*). Nesse período também são editados o poema *Antônio Chimango* de Amaro Juvenal (Ramiro Barcelos); e a obra de Alcides Maya, entre outras.

2) Como pode ser lido o *Cancioneiro guasca*

Denominam-se cancioneros coletâneas de textos poéticos; textos poéticos para música; pautas musicais; repositórios de reservas de memória cultural de épocas e de culturas. Conforme se pode ler na introdução do *Cancioneiro guasca*, em que Lopes Neto justifica a publicação da obra, foi essa a razão de seu esforço para coletar e organizar o material aí editado. O adjetivo *guasca*, que especifica o substantivo cancionero, é palavra oriunda do quíchua, chegado ao português pelo espanhol platino, e significa tira de couro cru, utilizada para vários fins, como corda. Acontece que houve no Pampa uma era do couro. Muitos utensílios, de canoas a casas, eram feitos com esse material, facilmente obtível. Além naturalmente de prestar-se perfeitamente para confecção de arreios e vestuário. Por metonímia e por metáfora, o homem

recebeu também essa denominação. Mais tarde foi (e ainda é) usada para designar o habitante do interior, no RS.

2.1) A desconsideração que geralmente se dispensa à obra

A crítica e, pelo silêncio que vem isolando a obra, também os leitores parecem tê-la abandonado. Preocupa a desatenção que ameaça encobri-la.

2.2) Outros cancioneiros, como o *Cancioneiro da ajuda* (séc. 13)

Não ocorre o mesmo com outros cancioneiros, como o lusitano *Cancioneiro da ajuda*. Esse conheci quando cursei Letras. Do nosso, porém, nunca ouvi falar no curso de Letras que fiz. Cheguei a pensar que se tratasse de equívoco meu, porque o conhecia desde os catorze anos de idade. Hoje sei que tem havido falhas no estudo e no ensino da nossa produção literária, que precisam ser recuperadas. Temos dedicado, no curso superior, frequentemente, muito tempo pra encobrir o que é nosso, nossa memória e nossa identidade.

2.3) A montagem do *Cancioneiro guasca*

O *Cancioneiro guasca* está dividido em dez partes: (1ª) duas páginas introdutórias, com esclarecimento sobre o motivo da obra e explicação do título; (2ª) *Antigas danças*, em que aparecem os conhecidos *O tatie Chimarrita*; (3ª) *Quadras (descante e desafio)*; (4ª) *Poemetos*, em que está incluído o hino sul-rio-grandense; (5ª) *Trovas (cantadas ao som do hino farrapo)*; (6ª) *Poesias históricas*; (7ª) *Desafios (dois modelos)*; (8ª) *Dizeres*; (9ª) *Diversas*; (10ª) *Modernas*.

A primeira edição do *Cancioneiro guasca* é de 1910, pela editora Universal Echenique, de Pelotas; faz, portanto, um século neste ano. No exemplar que tenho, desde 1958, edição da (antiga e então brasileira) Globo, de 1954, o livro tem 268 páginas.

2.4) A herança honrosa

Augusto Meyer dedicou considerável tempo de seus estudos ao *Cancioneiro guasca*. Analisou-lhe as origens e pesquisou variantes, especialmente dos textos mais conhecidos. Publicou esses resultados no *Cancioneiro gaúcho* (1952), também na Coleção Província, da Globo.

Donaldo Schüler, em *A poesia no Rio Grande do Sul* (1986), reorganizou a distribuição de estrofes e partes de *O tatu* e de *Chimarrita* e, a partir dessas narrativas populares versificadas, como ele denomina esses textos, concluiu ponderadamente que a literatura do RS começa com eles. Isso não é pouco. Devemos o conhecimento desses textos parcialmente à coleta e à organização deles em *Cancioneiro guasca*.

Toda organização de danças conhecidas atualmente através do movimento nativista gaúcho, p. ex., é também, pelo menos parcialmente, tributária do trabalho de Lopes e Neto.

Hoje se pode lê-lo integralmente também na internet, com possibilidade de acesso por partes, em, p. ex., <www.ufpel.tche.br/pelotas/cancioneiroguasca.html>.

Destaque para quatro trovas (poemas completos em quadrinhas heptassílabas), que poderiam igualmente ser outras:

[O encontro malogrado]

Menina, minha menina,
Vocemecê fez-me a boa:
Fez-me dormir no sereno,
Como sapo na lagoa.

[O que deu certo]

Chegaste, meu bem, chegaste,
Chegaste a bem boa hora;
O papai já 'stá dormindo,
A mamãe deitou-se agora.

[Da mulher admirada]

Já vi chorar uma pedra
Pelo teu pé arredada:
Por tu passares por ela,
E ela não ser pisada.

[Da maledicência]

Por aqui passou um pássaro
De cores que nunca vi;
Todos falam e murmuram,
Mas ninguém olha pra si.

Lendas do Sul

1) *Lendas do Sul*, com primeira edição em 1913, contempla dezessete narrativas. Lopes Neto dividiu-as em *Lendas do Sul* (3), *Missioneiras* (7) e *do Centro e Norte do Brasil* (7).

2) Das narrativas de *Lendas do Sul*, *A salamanca do Jarau* tem o poder de sempre e cada vez mais me surpreender, pela geração de significados, pela habilidade da construção estrutural em que foi montada e pela impossibilidade de ser analiticamente esgotada. Essas razões me fizeram optar, devido à condição desta exposição, por citar algumas passagens dessa narrativa.

Creio que interesse lembrar que a narrativa aparece nominada como *O Cerro do Jarau*, e, logo abaixo, *A Salamanca*.

Eis as passagens

1) [Parágrafo inicial.] Era um dia..., um dia, um gaúcho pobre, Blau de nome, guasca de bom porte, mas que só tinha de seu um cavalo gordo, o facão afiado e as estradas reais, estava conchavado de posteiro, ali na entrada do rincão; e nesse dia andava campeando um boi barroso.

2) - [O boi barroso] anda cumprindo o seu fadário.

[...]

- Vou no rastro!...

- Está enredado!... (parte 1).

3) Só não tomou tenência que a teiniaguá era mulher (parte 2).

4) [...] Blau Nunes bateu o chapéu para o alto da cabeça, deu um safanão no cinto, apurmando o facão...; foi parando o gesto e ficou-se olhando, sem mira, para muito longe, para onde a vista não chegava, mas onde o sonho acordado que havia nos seus olhos chegava de sobra e ainda passava... ainda passava, porque o sonho não tem lindeiros nem tapumes... [...] (parte 2).

- 5) Tudo que volteia no ar tem seu dia de aquietar-se no chão (parte 3).
- 6) E não pensei mais dentro da minha cabeça, não; era uma coisa nova e esquisita: eu via com os olhos os pensamentos diante deles [...] (parte 3).
- 7) Eu sou a rosa dos tesouros escondidos dentro da casca do mundo (parte 4).
- 8) Por senha da vontade a boca não falou (parte 4).
- 9) [...] condenado fui por ter dado passo errado com bicho imundo, que era bicho e mulher moura [...] (parte 4).
- 10) [...] os olhos do meu pensamento [...] recreavam-se na luz cegante da cabeça encantada da teiniaguá, onde reinavam os olhos dela, olhos de amor tão soberanos e cativos, como em mil vidas de homem outros se não viram!... (parte 5).
- 11) [...] seu amor de mulher, que vale mais que destino de homem!... (parte 5).
- 12) Alma forte e coração sereno! (parte 5).
- 13) [...] governa o pensamento e segura a língua: o pensamento dos homens é que os levanta acima do mundo, e sua língua é que os amesquinha... (parte 6).
- 14) Teiniaguá encantada! Eu te queria a ti, porque tu és tudo!... És tudo o que eu não sei o que é, porém que atino que existe fora de mim, em volta de mim, superior a mim... Eu te queria a ti, teiniaguá encantada! (parte7).

Nota: *A salamanca do Jarau* está montada em decálogo, como a lembrar sua condição de gênese da formação dos gaúchos.

Comentários finais

1) Todos os textos de *Lendas do Sul* são marcantes, mas, dentre eles, é impossível o estudioso não se deter, além de sobre *A salamanca do Jarau*, também sobre *O Negrinho do Pastoreio* (a partir de cuja narrativa muito se tem produzido na literatura, na música, na escultura, na pintura, no teatro e no cinema); sobre *A mboitatá* (também geratriz de muitas formas expressivas) e sobre *O lunar de Sepé*. Surpreende que esse texto não tenha aparecido no *Cancioneiro guasca*, porque se trata de um poema. O próprio Lopes Neto

informa que tomou conhecimento dele em 1902, ou seja, oito anos antes da publicação do *Cancioneiro guasca*. Conta que ouviu a “melopeia” de uma idosa, já com dificuldades de lembrar e de articular o poema nas suas partes. Apesar da estatura de intelectual que demonstrou ter, Lopes Neto parece não ter considerado suficientemente o poema. Esse poema, no entanto, ajudou a perpetuar, juntamente com outras formas de manter a memória da cultura popular, a imagem do índio guarani Sepé Tiaraju como santo (i. é, protetor espiritual, místico e mítico). Charles Kiefer retirou de um dos versos de *O lunar de Sepé* o título para o romance *Quem faz gemer a terra*(1991).

A seguir se transcrevem as duas estrofes iniciais de *O lunar de Sepé*

Eram armas de Castela
Que vinham do mar de além;
De Portugal também vinham,
Dizendo, por nosso bem:
Mas quem faz gemer a terra...
Em nome da paz não vem!

Mandaram por serra acima
Espantar os corações;
Que os reis vizinhos queriam
Acabar com as Missões,
Entre espadas e mosquetes,
Entre lanças e canhões!...

Cicero Galeno Lopes.
<www.cicerogalenolopes.com>